


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO		 PUC RIO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA		
FIL1223	História da Filosofia Moderna I	
PERÍODO-2023.1	CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 HORAS	CRÉDITOS: 4
Horário: Terças e quintas 7h-9h	Prof^ª: Clara Castro	

OBJETIVOS	O objetivo geral do curso é desconstruir uma visão frequente, mas redutora da Modernidade, entendida como uma época majoritariamente cartesiana. Pretende-se mostrar que, ao contrário, o debate no período foi profícuo e não faltaram críticos a Descartes. Para tanto, propõe-se um tema de discussão (a alma ou razão dos bichos), um ponto de partida (o dualismo cartesiano e suas implicações nos animais) e três alternativas à proposta de Descartes (em Hume, em Buffon e em Condillac). Mediante essa temática, também pretende-se, mais especificamente, discutir diferentes explicações para processos ligados às sensações e ao pensamento.
EMENTA	Estudo dos principais problemas e conceitos propostos pela filosofia em vigor no período moderno compreendido entre os séculos XVII e XVIII.
PROGRAMA	<p>A Modernidade através da discussão da alma ou razão dos bichos</p> <p>É comum pensar que a Modernidade consiste num todo homogêneo, defensor do dualismo entre corpo e espírito, como se o período começasse e terminasse no cartesianismo. Contudo, entre os séculos XVII e XVIII, houve uma imensa pluralidade de debates, pensamentos e correntes filosóficas. Até mesmo as <i>Meditações</i> (1641) de Descartes estavam inseridas nesse ambiente de discussão. Por um lado, algumas de suas ideias são atribuídas, pelos próprios modernos, a Gomes Pereira – médico espanhol do século XVI, que já defendia a ausência de sentimento e pensamento nos animais. Por outro lado, as <i>Meditações</i> são publicadas seguidas de sete objeções (seis em 1641 e sete na segunda edição de 1642, ambas em latim). Entre os objetores, figuram dois empiristas: Hobbes e Gassendi. Ambos rejeitam o dualismo. A questão da alma dos bichos interessa sobretudo a Gassendi, para quem animais humanos e não humanos possuem uma alma sensitiva que lhes permite sentir, pensar e articular uma linguagem.</p> <p>Hume, embora não defenda a existência de uma alma sensitiva tal qual Gassendi, também abordará a cognição dos animais no contexto de uma filosofia experimental. Que a razão dos bichos se desenvolve pela experiência parece óbvio ao filósofo escocês. A analogia entre humanos e bichos funciona, assim, como um teste da filosofia moral proposta no <i>Tratado da natureza humana</i> (1739-40). Isso porque, para Hume, ninguém duvidaria da incapacidade dos bichos em conceber racionalmente as conexões necessárias. Eles produzem a inferência causal na imaginação, mediante a experiência da conjunção constante de objetos ou eventos. Essa forma de raciocinar dos bichos fornece, portanto, aquilo que Hume chama de</p>

	<p>“prova invencível de [...] [seu] sistema”, já que o mesmo ocorre nos humanos.</p> <p>Condillac, outro filósofo moral experimental, também está certo de que, pela experiência, os bichos pensam. No contexto francês, contudo, ele precisa objetar não somente Descartes, mas também Buffon. Por certo, na época do <i>Tratado dos animais</i> (1755), “o sentimento de Descartes sobre os bichos”, como diz o próprio abade na introdução do texto, “começa a ficar tão velho”. Mas Buffon, naturalista célebre na segunda metade do século XVIII, reformula a oposição entre corpo e espírito em seu “Discurso sobre a natureza dos animais”, publicado no quarto tomo (1753) da <i>História natural</i>. A seção intitulada “<i>Homo duplex</i>”, num primeiro momento, enfatiza a diferença entre o sentido interno, um princípio material de ação dos animais, e a alma, princípio espiritual de conhecimento humano. Longe, porém, de reabilitar o dualismo cartesiano, Buffon parece sugerir uma submissão da alma ao sentido interno, reconhecendo que só pensamos para melhor aprovar e melhor satisfazer as nossas paixões.</p> <p>Ciente das dificuldades de interpretar as sutilezas de Buffon, Condillac as utiliza a favor da tese do <i>Tratado dos animais</i>, partindo do ponto fixo da faculdade de sentir. Logo, é através das próprias palavras de Buffon que Condillac demonstra o julgamento dos bichos. Mantendo em mente o percurso das discussões suscitadas até aqui, o curso será dividido em quatro módulos, conforme o bloco de textos principais a serem estudados:</p> <p>Módulo 1: <i>Meditações</i> de Descartes - Segunda e sexta meditação.</p> <p>Módulo 2: <i>Tratado da natureza humana</i> de Hume - “Da origem de nossas ideias” (livro 1, parte 1, seção 1), “Da inferência da impressão à ideia” (livro 1, parte 3, seção 6) e “Da razão dos animais” (livro 1, parte 3, seção 16).</p> <p>Módulo 3: <i>História natural</i> (t. 4) de Buffon - “Discurso sobre a natureza dos animais”, passagens em torno da seção <i>Homo duplex</i>.</p> <p>Módulo 4: <i>Tratado dos animais</i> de Condillac - Primeira parte: “Do sistema de Descartes e da hipótese de Buffon” - Cap. 1: “Os bichos não são puros autômatos”, Cap. 2: “Os bichos sentem e sentem como nós” e Cap. 5: “Os bichos comparam, julgam, possuem idéias e memória”.</p>
AVALIAÇÃO	Categoria III: duas provas de mesmo peso (G1 e G2).
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL	<p>BUFFON, Conde de. <i>História Natural</i>, trad. Isabel Coelho Fragelli, Ana Carolina Soliva Soria e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp, 2021.</p> <p>CONDILLAC, Étienne Bonnot de; LE ROY, Charles-Georges. <i>A inteligência dos animais: Tratado dos animais, de Étienne Bonnot de Condillac, e Sobre a inteligência dos animais, de Charles-Georges Le Roy</i>, trad. Dario Galvão e Lourenço Fernandes Neto e Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2022.</p> <p>DESCARTES, René. <i>Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas</i>, trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, col. “Os Pensadores”, vol. XV, 1973.</p> <p>HUME, David. <i>Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método</i></p>

	<p><i>experimental de raciocínio nos assuntos morais</i>, trad. Déborah Danowski. São Paulo: Editora Unesp, 2009.</p>
<p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p>	<p>BAYLE, Pierre. Verbetes “Pereira (Gomezius)” e “Rorarius (Jerôme)”. <i>Dictionnaire historique et critique</i>. Roterdã: Reiner Leers, 1697, t. II, 2ª parte.</p> <p>BERCHTOLD, Jacques; GUICHET, Jean-Luc. <i>Dix-huitième siècle</i>, n. 42: dossiê temático sobre o “Animal das Luzes”, 2010.</p> <p>CANGUILHEM, Georges. <i>O conhecimento da vida</i>, trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.</p> <p>_____. <i>A formação do conceito de reflexo nos séculos XVII e XVIII</i>, trad. Caio A. T. Souto. São Paulo: Córrego, 2022.</p> <p>CHIBENI, Silvio Seno. “Hume e a razão dos animais”. In: João Carlos Kfourti Quartim de Moraes (org.). <i>Materialismo e Evolucionismo III: Evolução e acaso na hominização</i>. Campinas, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, Unicamp, 2014.</p> <p>DAGOGNET, François. “L’animal selon Condillac”. In: Étienne Bonnot de Condillac. <i>Traité des animaux</i>. Paris: J. Vrin, 1987.</p> <p>DESCARTES, René. <i>Les Méditations métaphysiques touchant la première philosophie</i>, trad. Louis-Charles d’Albert Luynes e Claude Clerselier (edição com objeções completas em francês). Paris: Vve J. Camusat & P. le Petit, 1647.</p> <p>_____. <i>The philosophical Writings of Descartes</i>, trad. John Cottingham, Robert Stoothoff e Dugald Murdoch (edição com objeções completas em inglês). Cambridge: Cambridge University Press, 1984, v. II.</p> <p>FAUSTO, Juliana. “A cadela sem nome de Descartes: Notas sobre vivissecção e mecanomorfose no século XVII”, <i>Doispontos</i>, v. 15, n. 1, 2018.</p> <p>GUICHET, Jean-Luc (org.). <i>De l’animal-machine à l’âme des machines: querelles biomécaniques de l’âme, XVIIe-XXIe siècle</i>. Paris: Publications de la Sorbonne, 2010.</p> <p>MARKOVITS, Francine (org). <i>Corpus revue de philosophie</i>, n. 16/17: dossiê temático sobre “A alma dos bichos”, 1991.</p> <p>PEREIRA, Gomes. <i>Antoniana Margarita: A Work on Natural Philosophy, Medicine and Theology</i>, trad. e ed. José Manuel García Valverde e Peter Maxwell-Stuart. Leiden; Boston: Brill, 2019.</p> <p>ROCHA, Ethel Menezes. “Animais, homens e sensações segundo Descartes”, <i>Kriterion</i>, n. 110, 2004.</p> <p>SANTOS, Rubens Sotero dos. <i>Os animais na epistemologia naturalista de David Hume: uma leitura darwiniana</i>. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, 2019.</p> <p>SILVA, Franklin Leopoldo e. <i>Descartes: a metafísica da modernidade</i>, 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.</p> <p>SILVA, Lourenço Fernandes Neto. <i>O animal em Condillac ou as Reinvenções do Humano</i>. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2015.</p> <p>TORERO-IBAD, Alexandra. <i>Débats politiques et philosophiques au XVIIe siècle: La question de l’âme des bêtes chez Descartes et Gassendi</i>. Québec: PUL, 2009.</p> <p>ZIMMERMANN, Flávio Miguel de Oliveira. “Razão dos animais em Hume e nos céticos modernos”, <i>Cadernos Espinosanos</i>, São Paulo, n. 29, 2013.</p>